

Gênero *Hippopsis* (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae): chave para as espécies, sinonímia e descrição de espécies novas

Ubirajara R. Martins^{1,3} & Maria Helena M. Galileo^{2,3}

¹Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42494, 04218-970 São Paulo-SP, Brasil.

²Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Caixa Postal 1188, 90001-970 Porto Alegre-RS, Brasil.

³Pesquisador do CNPq.

ABSTRACT. Genus *Hippopsis* (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae): key to species, synonym, and description of new species. New species described: *H. iuasanga* from Ecuador and *H. araujo* from Brasil (Bahia). A key to species is given, and *H. lineolatus* Lepeletier & Audinet-Serville, 1825, *H. lemniscata boliviana* Breuning, 1962, *H. insularis* Breuning, 1962, are not included, pending on examination of holotypes; species not studied and included by literature: *H. septemvittata* Breuning, 1940 and *H. albicans* Breuning, 1940. *Hippopsis solangeae* Carvalho, 1981 is considered a synonym of *H. prona* Bates, 1866 and *H. insularis* Breuning, 1962 is revalidated. Thirty six species are illustrated.

KEYWORDS. Hippopsini; key; synonym; taxonomy.

RESUMO. Gênero *Hippopsis* (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae): chave para as espécies, sinonímia e descrição de espécies novas. São descritas: *H. iuasanga* do Equador e *H. araujo* do Brasil (Bahia). Acrescenta-se uma chave para espécies na qual não foram incluídas as espécies só identificáveis mediante o exame dos holótipos: *H. lineolatus* Lepeletier & Audinet-Serville, 1825; *H. lemniscata boliviana* Breuning, 1962; *H. insularis* Breuning, 1962. Espécies não examinadas que são incluídas com base na literatura: *H. septemvittata* Breuning, 1940 e *H. albicans* Breuning, 1940. *Hippopsis solangeae* Carvalho, 1981 é considerada sinônimo de *H. prona* Bates, 1866 e *H. insularis* Breuning, 1962, é revalidada. Trinta e seis espécies são ilustradas.

PALAVRAS-CHAVE. Chave; Hippopsini; sinonímia; taxonomia.

O tratamento apropriado das 38 espécies do gênero *Hippopsis* Lepeletier & Audinet-Serville, 1825, envolve problemas. O maior deles é que a maioria das espécies descritas, redescritas ou comentadas por Breuning (1962) é de reconhecimento difícil ou impossível. Uma revisão do gênero, com base no exame dos holótipos seria muito desejável, mas como não tivemos acesso a eles, essa tarefa torna-se muito difícil. Para ter-se idéia de como a revisão de Breuning (*op. cit.*) é superficial, basta dizer que ele não observou e não tratou da pilosidade diferenciada ou dos orifícios que aparecem no urosternito I de diversas espécies.

Breuning (1962) também propôs a subdivisão de *Hippopsis* em dois subgêneros: *Hippopsis s. str.* e *Megacera* Audinet-Serville, 1835, mas adotamos a classificação anterior (Aurivillius, 1923), onde ambas as entidades são consideradas gêneros.

Apresentamos uma chave preliminar para as espécies de *Hippopsis* na qual deixamos de introduzir *H. lineolatus* Lepeletier & Audinet-Serville, 1825, *H. lemniscata boliviana* Breuning, 1962 e *H. insularis* porque não temos idéia do que possam ser. *Hippopsis septemvittata* Breuning, 1940 e *H. albicans* Breuning, 1940 foram tentativamente introduzidas com base na literatura.

Além da chave para as espécies, descrevemos duas, sinonimizamos uma e apresentamos figuras de todas as espécies tratadas.

O material estudado pertence ao Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo (MZSP) e ao Museu de

Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (MCNZ). Entretanto, siglas de outras instituições são mencionadas no texto e correspondem: BMNH, The Natural History Museum, Londres; FTHC, Coleção F. T. Hovore, Santa Clarita; MNHN, Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris; NHRS, Naturhistoriska Riksmuseet, Estocolmo; ZSMC, Zoologische Staatssammlung des Bayerischen Staates, München.

HISTÓRICO

A primeira espécie descrita em *Hippopsis* foi no gênero *Saperda* Fabricius, 1775: *Saperda lemniscata* Fabricius, 1801, procedente da "Carolina", Estados Unidos. O gênero foi descrito por Lepeletier & Audinet-Serville (1825) com base em *H. lineolatus* do Brasil, portanto a espécie-tipo do gênero por monotipia, mas com uma observação que *H. lineolatus* poderia ser a espécie de Fabricius.

Guérin-Méneville (1844) descreveu, também do Brasil, *H. pradiari*.

Bates (1866) descreveu *H. apicalis* (originalmente em *Megacera* Audinet-Serville, 1835), *H. fractilinea*, *H. griseola*, *H. prona* e *H. truncatella* todas da Amazônia brasileira. Observou que as espécies de *Hippopsis* "are parasitic on the slender branches of trees. They choose, however, the most slender twigs, and cling them so closely by their short stout legs and elongate claws as to be difficult of detection." Anotamos que Bates (1866) não chegou a observar o notório

orifício que *H. prona* tem no urosternito I.

Berg (1889) acrescentou *H. monachica* procedente de Buenos Aires, Argentina e Aurivillius (1900) adicionou *H. meinerti* de Caracas, Venezuela e, em 1920, *H. quinquelineata* do Brasil meridional.

Breuning (1940) descreveu sumariamente oito espécies: *H. albicans* (Santa Catarina, Blumenau), espécie que jamais foi citada e nunca mais foi coletada da qual só se conhece o holótipo (ZSMC); *H. assimilis* da Venezuela; *H. densepunctata* da Bahia (Santo Antonio da Barra, atual Condeúba); *H. femoralis* de São Paulo (Alto da Serra); *H. macrophthalma* do Amazonas (Tefé); *H. quadrivittata* e *H. septemlineata* ambas da Colômbia e *H. septemvittata*, do Brasil (sem outras especificações).

Em 1955, Breuning acrescentou mais uma espécie: *H. freyi* de Trinidad. Esta espécie foi considerada na sinonímia de *H. meinerti* por Galileo & Martins (1988a: 185), mas revalidada por Martins & Galileo (2003).

Breuning (1962) procedeu a uma revisão do gênero quando apresentou a “Révision des Agapanthiini Muls. Américains”. Propôs a subdivisão de *Hippopsis* em dois subgêneros: *Hippopsis s. str.* e *Megacera* Audinet-Serville, 1835. Não nos parece que esses subgêneros sejam viáveis e adotamos a classificação anterior (Aurivillius, 1923), onde ambas as entidades são consideradas gêneros, que se distinguem principalmente pelo comprimento do protórax, mais longo do que largo em *Hippopsis* e tão longo quanto largo em *Megacera*. Breuning (1962) também apresentou uma chave para as espécies de *Hippopsis* com equívocos: omitiu *H. monachica* Berg, 1899, apesar da mesma constar do catálogo de Aurivillius (1923); utilizou caracteres de difícil interpretação: espículo na lado interno das extremidades elitrais (varia e pode desaparecer); élitros densa e finamente pontuados ou élitros muito densa e muito finamente pontuados; comprimento dos lobos oculares inferiores com relação ao comprimento das genas e comprimento do antenômero III. Além disso, não observou caráter muito conspícuo, qual seja, as modificações no urosternito I e nos metafêmures dos machos. Também considerou *H. meinerti* como *morpho* de *H. lemniscata* e descreveu, sumariamente, três subespécies de *H. lemniscata*: *boliviana* (da Bolívia, Mapiri, que figurou, mas é pouco elucidativa), *insularis* (de Trinidad) e *tobagoensis* (de Tobago); publicou ainda *H. gilmouri* (de Agua Blanca, Salta, Argentina, mas a figura apresentada também serve para várias espécies).

Carvalho (1981a, 1981b) descreveu duas espécies: *H. solangeae* do Equador, Peru, Bolívia e Brasil (largamente distribuída), Paraguai e Argentina e *H. pallida* de Córdoba, Argentina.

Galileo & Martins (1988a, 1988b, 1988c, 1988d, 1988e) dividiram *Hippopsis* em sete grupos, forneceram chaves para sua identificação e para o reconhecimento de suas espécies. Adotaram caracteres pela primeira vez: nos machos, orifícios e modificação da pubescência no urosternito I e forma dos metafêmures; presença de rugas no pronoto; ápices dos élitros emarginados e biespinhosos. Publicaram, ainda, a descrição de *H. tuberculata* e *H. pertusa* (Mata Atlântica), *H. tremata*

(México a Costa Rica), *H. pubiventris* [Peru, Brasil (largamente distribuída)], *H. minima* (Maranhão), *H. fratercula* (Pernambuco e Bahia), *H. rabida* (São Paulo) e *H. renodis* (Rio de Janeiro). Galileo & Martins (1998a) sinonimizaram *H. lemniscata tobagoensis* com *H. meinerti*.

Tavakilian (1987), baseado no estudo do holótipo (NHRS), constatou que *H. tremata* era sinônima de *H. meinerti*.

Em 1994, Martins & Galileo publicaram a descrição de *H. mourai* (Brasil, Tocantins), em 1995, *H. ocularis* (Bolívia) e, em 1998, de *H. campaneri* (Brasil, Goiás). Os mesmos autores (2003) acrescentaram cinco espécies ao gênero: *H. bivittata* (Peru), *H. nigroapicalis* (Equador), *H. brevicollis* (Brasil, Minas Gerais), *H. arriagadai* (Paraguai) e *H. tibialis* (Brasil, São Paulo). Além disso, revalidaram *H. freyi* que saiu da sinonímia da *H. meinerti*.

Monné (2001) arrolou as plantas-hospedeiras de quatro espécies. *Hippopsis lemniscata*, tem quantidade considerável de plantas das famílias Amaranthaceae, Asteraceae (a com maior número de plantas-hospedeiras), Curcubitaceae, Leguminosae e Pedaliaceae. Larvas de *H. macrophthalma* broqueiam *Solanum melongena*; larvas de *H. pertusa* vivem em *Bidens subalternus* e *Conyza* sp. (Asteraceae); de *H. prona*, em *Xanthium strumarium* (Asteraceae) e de *H. tuberculata*, as igualmente Asteraceae, *Ageratum conyzoides* e *Erechtites valerianaefolia*.

O gênero *Hippopsis* contava com 38 espécies (Monné, 2005), com apenas duas assinaladas para a América do Norte e América Central, e 36 espécies para a América do Sul e destas conhecem-se as plantas-hospedeiras de apenas quatro (Monné, 2001). Agora sinonimizamos uma e descrevemos duas espécies de *Hippopsis* que fica com 39 espécies.

***Hippopsis lineolatus* Lepeletier & Audinet-Serville, 1825**

Hippopsis lineolatus Lepeletier & Audinet-Serville, 1825 in Latreille, 1825: 336.

Hippopsis (*Hippopsis*) *lineolata*; Monné, 2005: 251 (cat.).

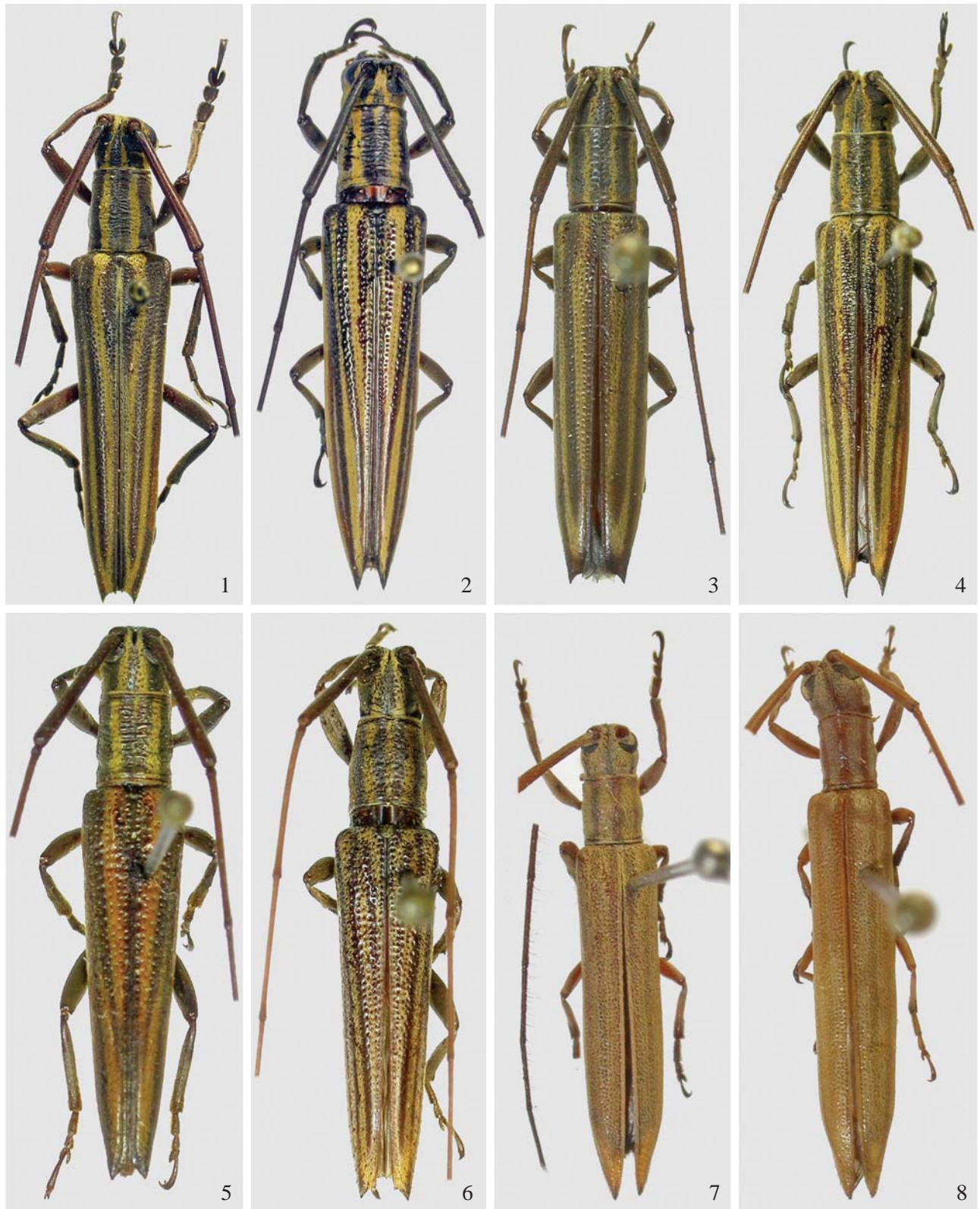
Hippopsis lineatus; Guérin-Méneville, 1844: 246 (erro de grafia).

Depois da descrição original desta espécie do Brasil, três citações apareceram na bibliografia: Erichson (1847) e Kirch (1875) citaram-na para o Peru, sem mais comentários. Aurivillius (1919) registrou-a, também sem comentários, para o Rio Purus, Amazonas.

Aurivillius (1923) sinonimizou *H. lineolatus* e *H. lineatus* com *H. lemniscata* baseado talvez numa suposição de Audinet-Serville (1825) (vide abaixo). Galileo & Martins (1988c) revalidaram *H. lineolatus*, porque *H. lemniscata* parece estar restrita aos Estados Unidos, México e Honduras (Monné & Hovore, 2005) e, certamente, *H. lineolatus* não ocorre nesses países. Galileo & Martins (1988c) revalidaram *H. lineolatus* fundamentados na sua procedência. Entretanto, *H. lineolatus*, cuja descrição original reproduzimos, não pode ser reconhecida.

A descrição original é de Lepeletier & Audinet-Serville (1825: 336):

“*Hippopsis fuscus*, *capitis thoracisque lineis dex elytra*



Figs.1-8. 1, *Hippopsis assimilis* Breuning, 1940, macho, comprimento 22,4 mm; 2, *H. fractilinea* Bates, 1860, fêmea, 20,7 mm; 3, *H. nigroapicalis* Martins & Galileo, 2003, fêmea, 12,2 mm; 4, *H. pradierei* Guérin-Méneville, 1844, fêmea, 20,0 mm; 5, *H. quadrivittata* Breuning, 1940, macho, 13,3 mm; 6, *H. septemlineata* Breuning, 1940, macho, 13,6 mm; 7, *H. monachica* Berg, 1889, fêmea, 13,3 mm; 8, *H. pallida* Carvalho, 1981, parátipo fêmea, 12,4 mm.

cujusque lineis tribus, interioribus apice conniventibus luteolis.

Longueur 5 lig. Corps d'un brun-noirâtre, ponctué. Antennes ayant plus de deux fois la longueur du corps. Face antérieure de la tête d'un jaune-verdâtre; ses côtes, ceux du corselet et des élytres ayant chacun trois lignes de cette dernière couleur: les intérieures se réunissant à leur extrémité. Vers le bout des élytres, qui se terminent en pointe. Côtes de l'abdomen ayant une ligne longitudinale du même jaune que les précédentes. Pattes d'un brun-noirâtre. La couleur jaune de cet insecte est due à des poils courtes et couchés.

Du Brésil.

Note. Cette espèce est peut-être la *Saperda lemniscata*, Fab. *Syst. Eleut.* tom. 2, pag. 330, n° 69; mais cet auteur dit que son espèce est de la Caroline, et il ne parle pas de la pointe que termine chaque élytre". Audinet-Serville (1835: 42) repetiu essa nota.

Tal descrição serve para quase todas as espécies brasileiras de *Hippopsis*, portanto, só o exame do holótipo permitirá reconhecê-la. O holótipo encontra-se no BMNH (Monné, 2005: 251).

H. lineatus Guérin-Méneville, 1844, sinônima de *H. lineolatus*, é claramente um erro de nome, pois nos comentários após a descrição de *H. pradierei*, Guérin-Méneville faz referência a *H. lineatus* como a espécie de Serville (na realidade, de Lepeletier & Audinet-Serville).

Se Kirsch, Erichson e Aurivillius estiverem certos, o que é duvidoso já que nenhum deles examinou o holótipo, podemos inferir que *H. lineolatus* é a espécie que ocorre na Amazônia [Peru e Brasil (Amazonas)]; então poderiam eventualmente ser seus sinônimos: *H. griseola*, *H. macrophthalma* ou *H. prona*.

***Hippopsis lemniscata boliviana* Breuning, 1962**

Hippopsis lemniscata boliviana Breuning, 1962: 10, fig. 1.
Hippopsis (Hippopsis) lemniscata boliviana; Monné, 2005: 251 (cat.).

Esta forma não é subespécie de *H. lemniscata*. A descrição original é a seguinte:

"ssp. **boliviana** nov. (Fig. 1).

Comme la forme typique, mais le front seulement légèrement trapéziiforme; chaque élytre étiré en un lobe apical sensiblement plus long. Pronotum avec une étroite bande longitudinale jaune.

Type de Bolivie: Mapiri ao Musée de Stockholm. 1 Paratype de Bolivie (coll. Gilmour)".

A figura apresentada por Breuning (1962: 49, fig. 1) serve apenas para indicar a forma das extremidades dos élitros de per si acuminadas. Não temos idéia do que poderia ser *H. lemniscata boliviana*.

***Hippopsis insularis* Breuning, 1962 revalidada**

Hippopsis lemniscata insularis Breuning, 1962: 10.
Hippopsis (Hippopsis) lemniscata insularis; Monné, 2005:251 (cat., in syn.)

Monné (2005) considerou esta subespécie na sinonímia de *Hippopsis meinerti*. Acreditamos que na realidade esta subespécie não pertence a *H. lemniscata* nem a *H. meinerti*. A sua descrição é a seguinte:

"ssp. **insularis** nov.

Comme la forme typique, mais le scape aussi long que le troisième article des antennes, les lobes inférieurs des yeux deux fois plus longs que le joues, l'angle apical sutural de l'élytre non indiqué.

Long.: 6 mm; larg. 1 mm.

Type de l'Ile Trinidad au British Museum".

***Hippopsis septemvittata* Breuning, 1940**

Hippopsis septemvittata Breuning, 1940: 81.
Hippopsis (Hippopsis) septemvittata; Monné, 2005: 253 (cat.).

Pela descrição (Breuning, 1940) e redescricao (Breuning, 1962), esta espécie apresenta sete faixas longitudinais de pubescência amarelada no pronoto e élitros arredondados na extremidade, caracteres pouco habituais entre as espécies do gênero. Mas, as anotações de Napp (comunicação pessoal) sobre o holótipo no BMNH dizem o inverso: "protórax sem faixas... metasterno e abdômen normais...". Assim, a inserção da espécie na chave baseia-se na descrição e redescricao, mas não temos certeza se sua colocação está correta.

***Hippopsis albicans* Breuning, 1940**

Hippopsis albicans Breuning, 1940: 82.
Hippopsis (Hippopsis) albicans; Monné, 2005: 249 (cat.).

Pela redescricao de Breuning (1962), esta espécie tem élitros arredondados no ápice. Este caráter permitiu sua inclusão na chave porque a espécie é desconhecida para nós. Talvez *H. albicans* pertença ao grupo *monachica*.

***Hippopsis prona* Bates, 1866**

Hippopsis prona Bates, 1866: 41.
Hippopsis (Hippopsis) prona; Monné, 2005: 252 (cat.).
Hippopsis solangeae Carvalho, 1981b: 237, figs. 1-25. **Syn. nov.**
Hippopsis (Hippopsis) solangeae; Monné, 2005: 253 (cat.).

Gérard Tavakilian nos enviou fotografias do holótipo (MNHN), inclusive da face ventral do corpo. Constatamos, pelo orifício elíptico e profundo no urosternito I, que *H. solangeae* é sinônima de *H. prona*.

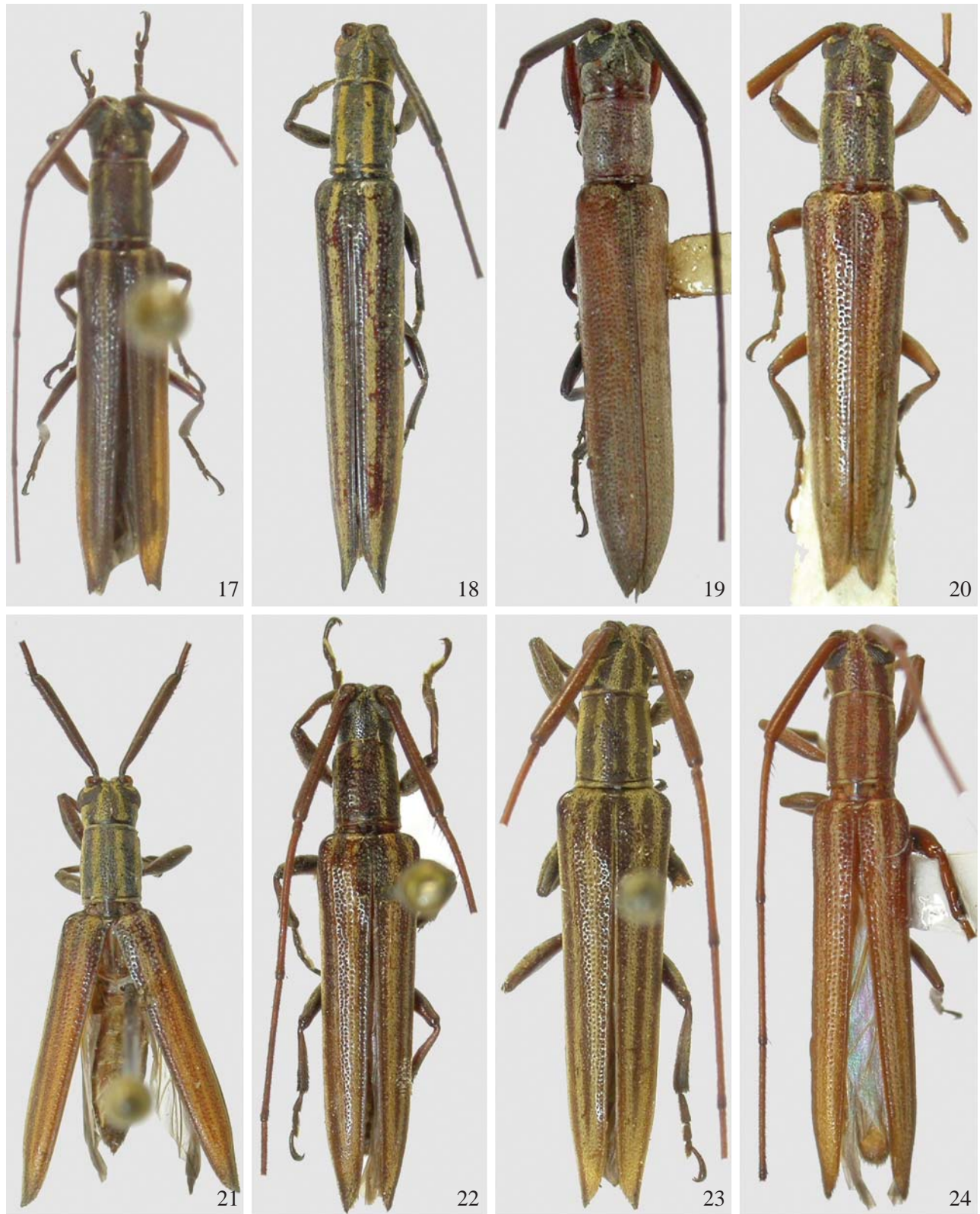
Chave para identificação das espécies de *Hippopsis* (não incluídas: *H. lineolatus*, *H. lemniscata insularis* e *H. lemniscata boliviana*).

1. Pronoto transversalmente rugoso (por exemplo, fig. 2) 2
Pronoto sem rugas (por exemplo, fig. 3) 9
- 2(1). Protórax com quatro faixas longitudinais de



Figs. 9-16. 9, *Hippopsis apicalis* (Bates, 1866), comprimento 11,0 mm; 10, *H. arriagadai* Martins & Galileo, 2003, holótipo macho, 7,4 mm; 11, *H. brevicollis* Martins & Galileo, 2003, holótipo fêmea, 17,0 mm; 12, *H. femoralis* Breuning, 1940, macho, 8,7 mm; 13, *H. ocularis* Galileo & Martins, 1995, holótipo fêmea, 9,5 mm; 14, *H. quinquelineata* Aurivillius, 1920, macho, 15,2 mm; 15, *H. rabida* Martins & Galileo, 1988, parátipo macho, 12,1 mm; 16, *H. renodis* Martins & Galileo, 1988, holótipo macho, 10,0 mm.

- pubescência amarelada 3
 Protórax com seis ou sete faixas longitudinais de pubescência amarelada 6
- 3(2). Élitros com faixa de pubescência amarelada, longitudinal, que se inicia entre o escutelo e o úmero, contínua da base ao ápice; extremidade dos élitros cortada em curva com espinho externo 4
 Élitros com faixa de pubescência amarelada, longitudinal, que se inicia entre o escutelo e o úmero e termina no nível do terço posterior; extremidade dos élitros de per si acuminadas ou obliquamente truncadas 5
- 4(3). Urosternito V sem modificações; élitros com faixa de pubescência amarelada que se inicia junto do escutelo curva-se para o lado da sutura no terço anterior e segue para o ápice fundida com a sutura (Fig. 1); ápices dos élitros com espinho externo e espículo sutural; centro dos urosternitos sem manchas longitudinais de pilosidade amarelada. Fig. 1. Venezuela *H. assimilis* Breuning, 1940
 Urosternito V com entalhe na borda apical ladeada por espículos (Figs. 49, 50); faixa de pubescência amarelada dos élitros que se inicia junto do escutelo não sofre curvaturas e segue distante da sutura até o sexto apical; centro dos urosternitos com faixa de pubescência amarelada. Fig. 36. Equador *H. iuasanga* sp. nov.
- 5(3). Extremidades elitrais de per si acuminadas e projetadas em espinho longo; ponta dos metafêmures dos machos atingem a borda apical do urosternito I. Fig. 2. Peru, Equador, Brasil (Amazonas), Bolívia *H. fractilinea* Bates, 1866
 Extremidades elitrais obliquamente truncadas e projetadas em espinho curto; ponta dos metafêmures dos machos atingem a borda apical do urosternito II. Fig. 5. Colômbia, Equador *H. quadrivittata* Breuning, 1940
- 6(2). Extremidades dos élitros ocupadas por faixa escura, estreita. Fig. 3. Equador, Bolívia *H. nigroapicalis* Martins & Galileo, 2003
 Extremidades dos élitros sem faixa escura 7
- 7(6). Protórax com sete faixas de pubescência amarelada, a do centro do pronoto bem indicada; extremidades elitrais cortadas em curva com espinho externo curto; (faixa de pubescência amarelada dos lados do metasterno separada da sutura metasterno-metepisternal). Fig. 6. Colômbia *H. septemlineata* Breuning, 1940
 Protórax com seis faixas de pubescência amarelada, a do centro do pronoto inexistente; extremidades elitrais com espinho externo longo 8
- 8(7). Faixa de pubescência amarelada dos lados do metasterno separada da sutura metasterno-metepisternal; pronoto com rugas mais profundas, evidentes, e sem pontos entremeados na faixa longitudinal do meio. Fig. 4. Brasil (Bahia a São Paulo) *H. pradierei* Guérin-Méneville, 1844
 Faixa de pubescência amarelada dos lados do metasterno sobre ou junto à sutura metasterno-metepisternal; pronoto com rugas mais rasas e com pontos entremeados na faixa longitudinal do meio. Fig. 34. Equador, Suriname, Brasil (Amazonas, Pará) *H. macrophthalma* Breuning, 1940
- 9(1). Extremidades elitrais cortadas em curva, com projeção ou espinho no lado externo ou com projeções em ambos os lados (por exemplo fig. 39) 10
 Extremidades elitrais de outro tipo, ou arredondadas ou projetadas em espinho 18
- 10(9). Protórax com faixas indistintas e pubescência quase uniforme, interrompida por vestígios de faixas escuras 11
 Protórax com cinco ou seis faixas de pubescência amarelada ou branco-amarelada 12
- 11(10). Desenho elitral sem faixas longitudinais de pubescência amarelada e com uma área avermelhada, lateral, perto do meio; extremidades ocupadas por faixa escura; lobos oculares superiores (macho) separados entre si por distância equivalente a 1-2 omatídios. Figs. 15, 39. Brasil (São Paulo) *H. rabida* Galileo & Martins, 1988
 Desenho elitral constituído por faixas de pubescência amarelada; extremidades elitrais sem faixa escura; lobos oculares superiores pouco mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Fig. 10. Paraguai *H. arriagadai* Martins & Galileo, 2003
- 12(10). Protórax com cinco faixas esbranquiçadas ou amareladas 13
 Protórax com seis faixas amarelas 16
- 13(12). Extremidade dos élitros ocupadas por faixa escura; faixa central do pronoto larga, envolve área estreita, glabra e longitudinal; (face ventral do corpo com pubescência esbranquiçada uniforme) 14
 Extremidade dos élitros sem faixa escura; faixa do meio do pronoto estreita, não envolve área glabra 15
- 14(13). Processo mesosternal estreito com largura igual a 1/3 de uma mesocoxa; élitros com faixa branco-amarelada que se inicia entre o escutelo e o úmero, terminada no nível do terço posterior; metafíbias dos machos engrossadas e subcilíndricas. Fig. 16. Brasil (Rio de Janeiro) *H. renodis* Galileo & Martins, 1988



Figs. 17-24. 17, *Hippopsis truncatella* Bates, 1866, macho, 8,8 mm; 18, *H. bivittata* Martins & Galileo, 2003, holótipo fêmea, 15,2 mm; 19, *Hippopsis campaneri* Martins & Galileo, 1998, holótipo macho, comprimento 9,7 mm; 20, *H. freyi* Breuning, 1955, macho, 9,4 mm; 21, *H. meinerti* Aurivillius, 1900, macho, 10,0 mm; 22, *H. pertusa* Galileo & Martins, 1988, macho, 12,8 mm; 23, *H. prona* Bates, 1866, macho (parátipo de *H. solangeae* Carvalho, 1981); 24, *H. tuberculata* Galileo & Martins, 1988, macho, 10,2 mm.

- Processo mesosternal com cerca de metade da largura de uma mesocoxa; élitros com faixas branco-amareladas contínuas; metatíbias dos machos fortemente globosas. Fig. 12. Brasil (Minas Gerais a Santa Catarina) *H. femoralis* Breuning, 1940
- 15(13). Lobos oculares superiores contíguos; face inferior do escapo com franja de pêlos mais curtos que a sua largura basal. Fig. 13. Bolívia
..... *H. ocellaris* Galileo & Martins, 1995
- Lobos oculares superiores não contíguos, separados por distância igual ao diâmetro de três omatídios; face inferior do escapo com pêlos tão longos quanto o diâmetro da sua base. Fig. 14. Brasil (Minas Gerais ao Rio Grande do Sul)
..... *H. quinquelineata* Aurivillius, 1920
- 16(12). Extremidade dos élitros ocupada por faixa escura, precedida por faixa de pubescência amarelada. Fig. 9. Guiana Francesa, Equador, Brasil (Amazonas, Pará) *H. apicalis* (Bates, 1866)
- Extremidade dos élitros sem faixa escura 17
- 17(16). Maiores dimensões (comprimento, 17,0 mm); proporção comprimento do élitro/comprimento do protórax, 5,48; pronoto com duas gibosidades discretas à frente do meio. Fig. 11. Brasil (Minas Gerais) *H. brevicollis* Martins & Galileo, 2003
- Menores dimensões (comprimento, 8,1-10,6 mm); proporção comprimento do élitro/comprimento do protórax, 4,20-4,45; pronoto sem gibosidades. Figs. 17, 37. Venezuela, Brasil (Amazonas, Pará, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais a Santa Catarina)
..... *H. truncatella* Bates, 1866
- 18(9). Extremidades elitrais arredondadas; (pubescência uniforme, sem faixas no pronoto e nos élitros). Brasil (Santa Catarina) *H. albicans* Breuning, 1940
- Extremidades elitrais acuminadas 19
- 19(18). Pêlos dos flagelômeros III e seguintes (Fig. 38) sinuosos e nitidamente mais longos que a largura dos artículos; élitros com pubescência amarelada sem faixas ou com faixas muito pouco contrastantes 20
- Pêlos dos flagelômeros (Fig. 37) retos e mais curtos que a largura dos artículos; pubescência dos élitros organizadas em faixas longitudinais 21
- 20(19). Escapo com franja de pêlos no lado inferior; pêlos dos flagelômeros tão longos quanto o triplo da largura dos artículos. Figs. 7, 38. Brasil (Rio Grande do Sul), Uruguai, Argentina (Buenos Aires, Santa Fé)
..... *H. monachica* Berg, 1889
- Escapo sem pêlos no lado inferior; pêlos dos flagelômeros tão longos quanto o dobro largura dos artículos. Fig. 8. Argentina (Córdoba)
..... *H. pallida* Carvalho, 1981
- 21(19). Cada élitro com apenas duas faixas longitudinais amareladas, uma junto à margem e uma perto da sutura; (protórax com quatro faixas de pubescência amarelada). Fig. 18. Peru
..... *H. bivittata* Martins & Galileo, 2003
- Cada élitro com três faixas de pubescência esbranquiçada ou amarelada, visíveis especialmente na metade apical dos élitros ou pubescência uniforme (não-organizada em faixas) 22
- 22(21). Região centro-anterior do metasterno com pequeno tubérculo; (urosternito I dos machos com orifício bem visível, fig. 47, por exemplo) 23
- Região centro-anterior do metasterno sem tubérculo 24
- 23(22). Pubescência corporal uniforme, pronoto e élitros sem faixas longitudinais de pubescência; lobos oculares das fêmeas com seis fileiras de omatídios. Fig. 19. Brasil (Mato Grosso, Goiás)
..... *H. campaneri* Martins & Galileo, 1998
- Pubescência organizada em faixas no protórax e nos élitros; lobos oculares dos dois sexos com cinco fileiras de omatídios. Fig. 24. Brasil (Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais a São Paulo), Bolívia, Argentina (Formosa)
..... *H. tuberculata* Galileo & Martins, 1988
- 24(22). Protórax com sete faixas de pubescência branco-amarelada 25
- Protórax com seis faixas de pubescência branco-amarelada 26
- 25(24). Escutelo coberto por pubescência amarelada; élitros arredondados no ápice (Breuning, 1962: 7, 12). Brasil
..... *H. septemvittata* Breuning, 1940
- Escutelo coberto por pubescência serícea branco-amarelada e esparsa; ápice dos élitros oblíquo, com espinho curto no ângulo externo. Fig. 27. Estados Unidos, México, Honduras
..... *H. l. lemniscata* (Fabricius, 1801)
- 26(24). Tegumento avermelhado, faixas de pubescência esbranquiçada pouco aparentes nos élitros; (pequenas dimensões, comprimento, 9,2-10,5 mm). Fig. 33. Brasil (Pernambuco, Bahia)
..... *H. fratercula* Galileo & Martins, 1988
- Tegumento corporal castanho-avermelhado ou castanho; faixas de pubescência amarelo-esbranquiçada manifestas 27



Figs. 25-32. 25, *Hippopsis gilmouri* Breuning, 1962, fêmea, comprimento 8,8 mm; 26, *H. griseola* Bates, 1866, 13,1 mm; 27, *H. lemniscata lemniscata* (Fabricius, 1801), fêmea, 11,3 mm; 28, *H. densepunctata* Breuning, 1940, macho, 9,2 mm; 29, *H. tibialis* Martins & Galileo, 2003, holótipo macho, 13,2 mm; 30, *H. minima* Galileo & Martins, 1988, macho, 8,1 mm; 31, *H. mourai* Martins & Galileo, 1994, holótipo macho, 10,2 mm; 32, *H. pubiventris* Galileo & Martins, 1988, parátipo macho, 14,9 mm.

- 27(26). Lobos oculares superiores com seis ou mais fileiras de omatídios 28
Lobos oculares superiores com cinco ou menos fileiras de omatídios 30
- 28(27). As três faixas de pubescência esbranquiçada dos élitros da mesma largura, isto é, a faixa que se inicia perto do úmero é da mesma largura que as duas outras. Fig. 29. Brasil (São Paulo)
..... *H. tibialis* Martins & Galileo, 2003
A faixa de pubescência branco-amarelada dos élitros que se inicia próximo do úmero, mais estreita dos que as duas outras 29
- 29(28). Ápices dos élitros obliquamente truncados com espinho curto no lado externo; urosternito I dos machos sem modificações. Fig. 26. Brasil (Pará) ...
..... *H. griseola* Bates, 1966
Ápices dos élitros de per si acuminados; urosternito I dos machos (Fig. 44) com área central de pilosidade diferenciada. Figs. 32, 44. Peru, Brasil (Acre a Santa Catarina) *H. pubiventris* Galileo & Martins, 1988
- 30(27). Processo prosternal (Fig. 43) e processo mesosternal revestidos por pubescência amarelada, longa e dirigida para a parte posterior; macho: centro do metasterno com pêlos amarelados, longos, precedidos por área glabra, estreita; orifício do urosternito I como na figura 45. Fig. 22. Brasil (Ceará a Santa Catarina), Argentina (Tucumán, Catamarca)
..... *H. pertusa* Galileo & Martins, 1988
Pilosidade dos processos pro- e mesosternal normal; machos sem pêlos diferenciados no centro do metasterno 31
- 31(30). Face ventral densamente pontuada, inclusive os urosternitos 32
Face ventral com pontuação mais concentrada nos esternos torácicos; urosternitos praticamente sem pontos) 35
- 32(31). Faixas sutural e dorsal dos élitros separadas por linha acastanhada muito estreita apenas na metade anterior e fundidas a partir do meio. Fig. 35. Brasil (Bahia) *Hippopsis araujo* sp. nov.
Faixas sutural e dorsal dos élitros separadas por linha acastanhada até o quinto apical 33
- 33(32). Urosternito I dos machos com área central de pubescência diferenciada (como na fig. 44) 34
Urosternito I sem pubescência diferenciada; (lobos oculares superiores mais afastados entre si do que a largura de um lobo). Fig. 27. Estados Unidos, México, Honduras
..... *H. l. lemniscata* (Fabricius, 1801)
- 34(33). Lobos oculares superiores tão distantes ente si quanto o dobro da largura de um lobo; metatíbias engrossadas e curvas. Fig. 28. Brasil (Bahia, Minas Gerais) *H. densepunctata* Breuning, 1940
Lobos oculares superiores tão distantes entre si quanto a largura de um lobo; metatíbias engrossadas e retas. Fig. 31. Brasil (Tocantins)
..... *H. mourai* Martins & Galileo, 1994
- 35(31). Metatarsômero I tão ou mais longo do que II+III 36
Metatarsômero I mais curto que II+III 37
- 36(35). Tegumento avermelhado; ápice dos élitros obliquamente truncados; (meio do urosternito I dos machos com área central diferenciada de pêlos). Fig. 30. Guiana, Brasil (Maranhão)
..... *H. minima* Galileo & Martins, 1988
Tegumento acastanhado; ápice dos élitros de per si acuminados. Fig. 25. Argentina (Salta)
..... *H. gilmouri* Breuning, 1962
- 37(35). Macho. Metafêmures (Fig. 41) fusiformes, sem entalhe basal nem pêlos longos nessa região [Urosternito I (Fig. 40) com orifício elíptico, profundo, atinge o meio do segmento]. Fig. 23. Brasil (Amazonas, Pará, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais ao Paraná), Argentina (Chaco) *H. prona* Bates, 1866
Macho. Metafêmures estreitados para o ápice, com entalhe basal e pêlos longos nessa região (Fig. 42) 38
- 38(37). Macho. Urosternito I (Fig. 48) com orifício losangular, com tubérculo no meio dos ramos laterais. Fêmea: Disco pronotal e base dos élitros com pontos justapostos, alguns anastomosados. Fig. 21. México a Costa Rica, Trinidad y Tobago, Venezuela, Guiana Francesa *H. meinerti* Aurivillius, 1900
Macho. Urosternito I (Fig. 46) com orifício grande, quase atinge as bordas anterior e posterior. Fêmea: Disco pronotal e base dos élitros com pontos mais esparsos. Fig. 20. Colômbia, Trinidad y Tobago, Venezuela *H. freyi* Breuning, 1955

***Hippopsis iuasanga* sp. nov.**

(Figs. 36, 49, 50)

Etimologia. Tupi, íu = espinho; asanga = curto. Alusivo aos espinhos no ápice do urosternito V.

Fronte com pubescência amarelada no meio e junto aos lobos oculares inferiores. Tubérculos anteníferos próximos, projetados e agudos. Vértice com duas faixas de pubescência amarelada. Faixa de pubescência amarelada atrás dos olhos. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídios.

Protórax com quatro faixas longitudinais de pubescência amarela: duas dorsais e duas no limite com o prosterno.



Figs. 33-36. *Habitus*: 33, *Hippopsis fratercula* Galileo & Martins, 1988, parátipo macho, 11,2 mm; 34, *H. macrophthalma* Breuning, 1940, macho, 15,9 mm; 35, *H. araujo* sp. nov., holótipo fêmea, 11,2 mm; 36, *H. iuasanga* sp. nov., holótipo fêmea, 22,5 mm.

Pronoto com rugosidades transversais.

Cada élitro com três faixas estreitas de pubescência amarelada; metade anterior acentuadamente pontuada; ápice cortado em curva, com espinho externo.

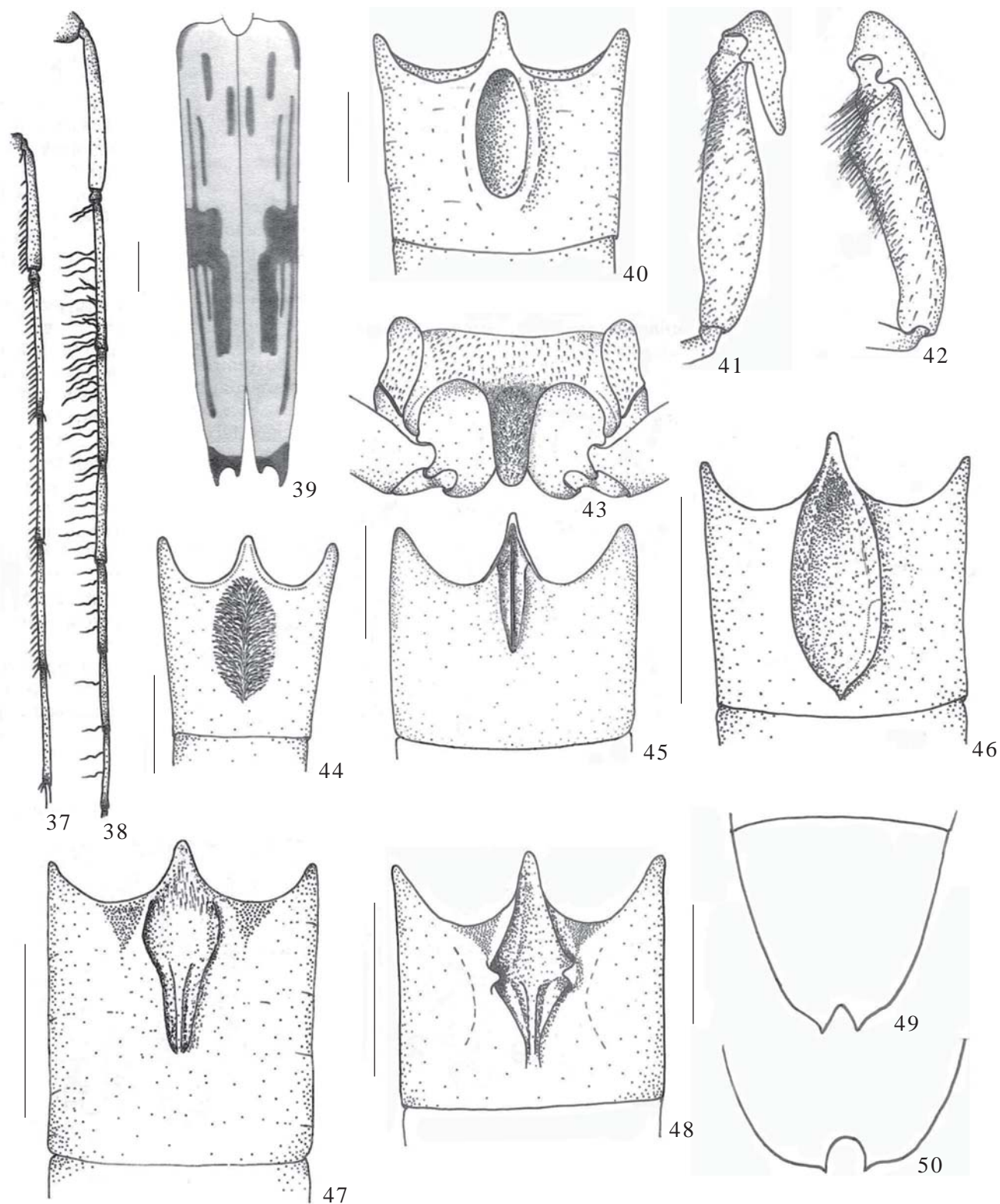
Face ventral com pubescência amarelada: no lado superior do mesepisterno; no lado do metasterno; sobre a sutura metasterno-metepisternal; no meio e nos lados dos urosternitos. Ápice do urosternito V com recorte central semi-circular (fêmea, fig. 50) ou em forma de “V” (macho, fig. 49), ladeado por dois espículos.

Dimensões em mm, parátipo macho/holótipo fêmea respectivamente. Comprimento total, 19,7/22,5; comprimento

do protórax, 3,0/3,6; maior largura do protórax, 2,5/3,0; comprimento do élitro, 14,7/16,3; largura umeral, 3,8/4,0.

Material-tipo. Holótipo fêmea, Equador, **Pichincha**: Tinalandia (15 km E Santo Domingo, 700 m), 23-26-XI.1981, H. F. Howden col. (FTHC); parátipo macho, **Carchi**: Chical (00°56'N 78°11'W, 1250 m), 23.VII.1983, J. E. Rawlins col. (MZSP).

Discussão. *H. iuasanga* sp. nov. caracteriza-se pela forma do último urosternito com emarginação centro-apical com os ângulos espiniformes (figs. 49, 50). Até o momento nenhuma espécie do gênero *Hippopsis* apresenta modificações no último urosternito.



Figs. 37-50. Antenas: 37, *Hippopsis truncatella*; 38, *H. monachica*. Esquema do desenho elitral: 39, *H. rabida*. Vista ventral do urosternito I dos machos: 40, *H. prona*; 44, *H. pubiventris*; 45, *H. pertusa*; 46, *H. freyi*; 47, *H. tuberculata*; 48, *H. meinerti*. Metafêmur do macho: 41, *H. prona*; 42, *H. freyi*. Prosterno: 43, *H. pertusa*. Vista ventral do urosternito V de *H. iuasanga*: 49, macho; 50, fêmea. Barra = 1 mm. (Galileo & Martins, 1988a, 1988b, 1988c).

***Hippopsis araujoi* sp. nov.**

(Fig. 35)

Etimologia. O nome específico é uma homenagem a Rafael Santos de Araujo que muito nos tem auxiliado na preparação de fotografias.

Fêmea. Tegumento acastanhado. Cabeça recoberta por pubescência densa, amarelada. Faixa subglabra atrás dos olhos. Tubérculos anteníferos discretos. Vértice inteiramente pubescente.

Protórax revestido por pubescência amarelada, mais concentrada em três faixas longitudinais de cada lado e uma linha no centro do pronoto.

Cada élitro com três faixas de pubescência amarelada: a sutural paralela e próxima à sutura; a dorsal discretamente separada da sutural na metade basal e fundida com ela na metade apical; a marginal paralela e pouco afastada da margem e interrompida atrás dos úmeros. Extremidades elitrais de per si acuminadas. Face ventral do corpo revestida por pubescência amarelada e densamente pontuada.

Dimensões mm, holótipo fêmea. Comprimento total, 11,2; comprimento do protórax, 1,9; maior largura do protórax, 1,4; comprimento do élitro, 8,1; largura umeral, 1,9.

Material-tipo. Holótipo fêmea, Brasil, Bahia: Mucugé, 6-10.XII.1990, S. T. P. Amarante col. (MZSP).

Discussão. Distingue-se de *H. mourai*, pela pubescência corporal mais densa, pela faixa central de pubescência no pronoto e pelas faixas sutural e dorsal dos élitros fundidas no nível do meio. Em *H. mourai* a pubescência é mais esparsa, o pronoto não tem faixa central e as faixas elitrais sutural e dorsal fundem-se próximo do ápice.

Agradecimentos. A Rafael dos Santos Araujo e Luciano de Azevedo Moura, Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul pela execução e trato das ilustrações.

REFERÊNCIAS

- Audinet-Serville, J. G. 1835. Nouvelle classification de la famille des longicornes (suite et fin). *Annales de la Société Entomologique de France* **4**: 197–228.
- Aurivillius, C. 1900. Verzeichniss der von Dr. F. Meinert im Jahre 1891 in Venezuela gesammelten Cerambyciden. *Öfversigt Svenska Vetenskaps-Academiens Förhandlingar* **57**: 409–421.
- Aurivillius, C. 1919. Wissenschaftliche Ergebnisse der schwedischen entomologischen Reise des Herrn Dr. A. Roman in Amazons 1914–1915. Cerambyciden. *Arkiv för Zoologi* **12**: 1–7.
- Aurivillius, C. 1920. Neue oder wenig bekannte Coleoptera Longicornia. *Arkiv för Zoologi* **13**: 361–403.
- Aurivillius, C. 1923. *Coleopterorum Catalogus*, pars 74, Cerambycidae: Lamiinae. Berlin, W. Junk, p. 323–704.
- Bates, H. W. 1866. Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley. Coleoptera: Longicornes. *The Annals and Magazine of Natural History* **17**: 31–42.
- Berg, C. 1889. Quadraginta Coleoptera nova Argentina. *Anales de la Universidad de Buenos Aires* **6**: 105–157.
- Breuning, S. 1940. Novae species Cerambycidarum VIII. *Folia Zoologia et Hydrobiologica* **10**: 37–85.
- Breuning, S. 1955. Neue Cerambyciden von der Insel Trinidad. *Entomologischen Arbeiten aus der Museum G. Frey* **6**: 659–661.
- Breuning, S. 1962. Révision des Agapanthiini Muls. Américains (Col., Cerambycidae). *Pesquisas* **6**: 1–48.
- Carvalho, S. M. 1981a. Nova espécie de *Hippopsis* (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). *Revista Brasileira de Entomologia* **25**: 53–54.
- Carvalho, S. M. 1981b. *Hippopsis solangeae*, sp. n. (Coleoptera, Cerambycidae) com notas sobre a morfologia do exoesqueleto. *Revista Brasileira de Entomologia* **25**: 327–331.
- Erichson, W. F. 1847. Conspectus insectorum coleopterorum quae in Republica Peruana observata sunt. *Archiv für Naturgeschichte* **13**: 67–85.
- Galileo, M. H. M. & U. R. Martins. 1988a. Notas sobre Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). I. *Hippopsis* do grupo *solangeae*. *Revista Brasileira de Entomologia* **32**: 179–185.
- Galileo, M. H. M. & U. R. Martins. 1988b. Notas sobre Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). II. *Hippopsis* do grupo *pubiventris*. *Revista Brasileira de Entomologia* **32**: 187–190.
- Galileo, M. H. M. & U. R. Martins. 1988c. Notas sobre Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). III. *Hippopsis* do grupo *lemniscata*. *Revista Brasileira de Entomologia* **32**: 191–195.
- Galileo, M. H. M. & U. R. Martins. 1988d. Notas sobre Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). IV *Hippopsis* do grupo *pradierei*. *Revista Brasileira de Entomologia* **32**: 196–198.
- Galileo, M. H. M. & U. R. Martins. 1988e. Notas sobre Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). V Revisão do gênero *Hippopsis* Lepeletier & Audinet-Serville, 1825. *Revista Brasileira de Entomologia* **32**: 199–207.
- Galileo, M. H. M. & U. R. Martins. 1995. Novas espécies neotropicais da tribo Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae). *Iheringia, Zoologia*, **78**: 39–43.
- Guérin-Méneville, F. E. 1844. *Iconographie du règne animal de G. Cuvier...* Paris, Baillière, Insectes 7: 5–76.
- Kirch, T. F. 1875. Beitrage zur Kenntniss der Peruanischen Käferfauna auf Dr. Abendroth's basirt (Funftes Stuck). *Deutsches Entomologisches Zeitschrift* **19**: 241–304.
- Lepeletier, A. L. M. & J. G. Audinet-Serville. 1825. In: Latreille, P. A. *Encyclopédie méthodique, ou par ordre de matière, par un société de gens de lettres*. Entomologie, **10**: 1–344.
- Martins, U. R. & M. H. M. Galileo. 1994. Novas espécies e notas sobre Cerambycidae e Disteniidae (Coleoptera) do Estado de Tocantins, Brasil. *Iheringia, Série Zoologia*, **77**: 77–82.
- Martins, U. R. & M. H. M. Galileo. 1998. Novas espécies neotropicais da tribo Agapanthiini (Coleoptera, Cerambycidae). *Iheringia, Série Zoologia*, **78**: 39–43.
- Martins, U. R. & M. H. M. Galileo. 2003. Novas espécies e revalidação em *Hippopsis* Lepeletier & Audinet-Serville, 1825 (Cerambycidae, Lamiinae, Agapanthiini). *Revista Brasileira de Entomologia* **47**: 25–29.
- Monné, M. A. 2001. Catalogue of the Neotropical Cerambycidae (Coleoptera) with known host plant – Part III: Subfamily Lamiinae, tribes Acanthocini to Apomecynini. *Publicações Avulsas do Museu Nacional* **92**: 1–94.
- Monné, M. A. 2005. Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Neotropical Region. Part II. Subfamily Lamiinae. *Zootaxa* **1023**: 1–759.
- Monné, M. A. & F. T. Hovore. 2005. *Checklist of the Cerambycidae or longhorned woodboring beetles, of the Western Hemisphere*. Rancho Dominguez, Bio Quip, 393 p.
- Tavakilian, G. L. 1987. Nomenclatural changes, reinstatements, new combinations, and new synonymies among American Cerambycids (Coleoptera). *Insecta Mundi* **11**: 129–139.